

POESIA EM ESTADO DE GRAÇA

Vera Maria Tietzmann Silva

“A virtude teológica da
caridade é o poder misterioso,
comunicado pela Graça, para
amar como Deus ama”.

(MICHEL QUOIST)

Em 1954, o jovem padre Michel Quoist (1921-1997) publicou na França *Prières*, um livro que circularia no mundo todo, em várias línguas, vendendo milhões de exemplares. Com o nome de *Poemas para rezar*, ele aqui aportou antes de findar essa mesma década. Eram textos de um evangelizador jovem falando aos jovens cristãos e, nesses poemas de linguagem simples e direta, o autor trazia Cristo para o século XX e mostrava o exercício do cristianismo na vida cotidiana. Na Europa, cujas feridas de duas guerras ainda estavam em processo de cicatrização, aquelas palavras de alento e de esperança foram bem-vindas.

Darcy França Denófrío, em um dos poemas deste *Uma voz e o silêncio*, diz: “Senhor, pressentimos algo sinistro / em nosso tempo”. E roga: “Livra-nos desse mal / há muito anunciado”. Sem dúvida, os tempos mudaram, e atravessamos atualmente uma crise que abala nossas estruturas mais profundas – sociais, políticas, morais, existenciais. Os princípios que nos serviam de guia e que nos permitiam participar da natureza divina, expressos nas virtudes teológicas da fé, da esperança e da caridade, foram postos em xeque com a derrocada dos valores tradicionais. Mas quais são os valores que entraram em seu lugar e são hoje cultivados? Onde estão a cruz, a âncora e o coração?

A proliferação de seitas e credos, com templos se oferecendo em cada esquina; a busca pelo esoterismo e pela autoajuda, com títulos

ocupando numerosas estantes de livrarias e bibliotecas; o apelo exercido pelo mistério proveniente de fontes arcaicas, com filmes e livros trazendo histórias de monstros, vampiros, lobisomens, dirigidos não apenas ao público juvenil – tudo isso aponta para um vazio interior que até pouco tempo era preenchido pela fé e pelos ritos religiosos. Quanto à esperança, percebe-se que ela desertou da alma de um enorme contingente de jovens, entregues às drogas e à violência, incapazes de projetar sua vida para além do dia de amanhã. Já o amor – que atende entre os cristãos pelo nome de caridade e que foi tão exaltado pelo Apóstolo Paulo – banalizou-se, deixou as profundezas do coração e a preocupação com o outro. Esse amor verdadeiro que o apóstolo tinha em mente, de acordo com as palavras da poetisa, “pede um coração verdadeiro / gestos de pura doação sem cobrança” e se expressa em gestos, não apenas em palavras:

Ombro que ampara, mãos que se dão,
corda lançada ao abismo do outro
para o resgate à beira profunda do poço
nos momentos mais difíceis da derrocada.
("A dimensão do amor")

Hoje, porém, o amor parece contentar-se com a superfície da epiderme, raramente ultrapassando o nível da satisfação sexual. Na atitude narcísica de quem somente vê a si mesmo, o sentimento virou mera sensação, a violência substituiu o esforço, a vida perdeu o valor. O imperativo desta nossa sociedade de consumo é descartar. Coisas e pessoas, indistintamente. De alma leve, descartam-se embalagens, roupas, máquinas, amigos, amores.

É neste cenário desalentador, que pode ser conferido a cada dia nos noticiários da mídia, que Darcy França Denófrio escreveu *Uma voz e o silêncio*. Um livro de poemas que se pautam pela fé, pela esperança e

pela caridade. Este é um livro que fala de amor e de sofrimento, mas também de fé e de esperança. Como é próprio dos símbolos, os que representam essas três virtudes têm duas faces, como a imagem e sua sombra: a cruz, que é fé e também sofrimento; a âncora, que é esperança e também pesado ferro; o coração, amor que se volta para o outro mas também para si mesmo.

Diferentes, embora, dos textos de Michel Quoist, os de Darcy França Denófrío também são poemas para rezar. Mais do que isso, são poemas para refletir e para comparar as palavras de Cristo com a realidade em que vivemos, e, inclusive, propor, quem sabe, uma mudança de rota na vida do leitor. Propor uma recristianização em moldes que retomam os ensinamentos do Mestre, cujas palavras são lembradas no início de cada poema.

Este livro se estrutura com uma sequência de 50 poemas, a maioria deles bem curtos, antecidos de uma epígrafe buscada da *Bíblia de Jerusalém*. No texto que abre o livro e no que o encerra, vê-se a mesma frase tirada do evangelho de João: "Ninguém jamais viu Deus". É a este Deus que não se deixa ver, assim como à sua representação humana, Jesus Cristo, que a poetisa se dirige. Sua voz perscruta o silêncio, mas ela não fala no vazio, antes dialoga com o texto sagrado, em especial com a palavra dos quatro evangelistas.

No primeiro poema, que dá nome ao livro, a autora se vale de um recurso próprio do lirismo, repetindo em cinco tercetos consecutivos uma mesma estrutura sintática, o que confere ao texto um tom litúrgico de ladainha. Eis o primeiro deles:

Elevo minha voz até Vós, Senhor,
– Silêncio que me acolhe e unge
meus lábios, sedentos de orvalho. [...]
("Uma voz e o silêncio")

Note-se a equivalência sonora entre “voz” (da poetisa) e “Vós” (de Deus), discretamente apontando para um desejo de integração entre o humano e o divino, entre quem fala e quem (não) responde. Nos tercetos seguintes, em lugar de “voz”, entram “olhos”, “ouvidos”, “fronte”, “coração”, atributos partilhados por todos os seres humanos. A estrofe que encerra o poema tem um verso a menos, sugerindo a posição de inferioridade, ou de modéstia, do eu-lírico diante do interlocutor. Nesse dístico, a autora se refere a seu dom de poetisa, o “canto”, tentativa extrema de estabelecer um diálogo, que se efetiva, sim, ainda que sem palavras: “Modulo meu canto de pássaro ferido / e ouço um silêncio – pleno de sentido”.

Com a atitude lírica de abrir-se à comunhão com Deus, com o semelhante e com a natureza, em vez de fechar-se em sua dor particular de “pássaro ferido”, Darcy França Denófrio chega a esse diálogo de uma só voz, que a fé lhe garante não ficar sem resposta. É com a linguagem poética, metafórica, que ela descreve seu canto:

Não é oração. É um turbilhão de palavras
– um rebanho de ovelhas atônitas a sair
de meus lábios em busca de seu doce Pastor.
As ovelhas se atropelam, se perdem na pradaria,
pensam que é noite, buscam o dia
– e o dono deste redil.
 (“Apenas confio”)

Este foi um livro gestado em sofrimento, a autora por diversas vezes alude a isso, de forma direta ou oblíqua. *Uma voz e o silêncio* é dedicado a Giovana, filha mais nova da autora, acometida por cruel enfermidade, e também a todos os cristãos, sem distinção de credo. Por sendas diferentes, mãe e filha apoiaram-se na fé para enfrentar essa prolongada e dura provação:

Vezes sem conta prostrei-me a Teus pés
depois de uma curta trégua de dor.
Mas jamais me esquecia, Senhor,
de ouvir Tua voz: "Ela será curada".
("Crê somente")

Não são poemas da juventude e para a juventude, como os de Quoist, mas da maturidade, do "pôr do sol da vida", como diz a autora, filtrados pelo olhar de quem muito viveu, que conheceu luzes e sombras, euforia e depressão, um olhar capaz de colocar na balança as perdas e os ganhos e, apesar das provações sofridas, conservar a paz interior, na confiança em Deus, alicerçada nas virtudes teologais:

Saiba eu descansar no Senhor, abandonar-me,
entregar-me – criança que salta sem medo
aos braços do Pai estendidos para ela:
entre eles apenas um abismo de amor.
("Paz")

Uma voz e o silêncio é um livro que fala das várias faces do amor – entre esposos, entre pais e filhos, entre irmãos, entre cristãos – e fala também do sofrimento, sina que nos irmana a Cristo e a sua mãe. Mesmo diante das vicissitudes, a poetisa não abandona a esperança, âncora que lhe dá firmeza e não a deixa à deriva.

O sofrimento para a autora vem de longe, desde os tempos infantis do internato, quando, ainda menina, culpas e dores incompreensíveis e abstratas lhe foram inculcadas, como relata em "O que queres, Senhor?". Depois, já adulta, dores concretas e avassaladoras a tomam de assalto, atingindo picos insuportáveis com a perda do esposo e, mais tarde, com a iminência da perda da filha para uma doença cruel. O salmo 34, que afirma: "O Senhor está perto de quem tem o coração ferido" é seu arrimo. Na leitura da Bíblia, que é sua prática diária, Darcy se sente tocada pela esperança de Jairo, a quem

Jesus garantiu que a filha seria curada, vendo na súplica daquele pai uma réplica de si mesma.

Porém a simetria maior está na dor de Maria por seu filho. A poetisa é mãe e sofre por sua filha, por isso é capaz de entender a dor impotente de Maria Santíssima, que nada pôde fazer por Jesus, a não ser estar presente e enviar-lhe, pelo olhar, seu amor incondicional:

[...] sentiste a maior dor humana que uma mãe pode sentir:
um filho crucificado,
agora em seus braços, uma verdadeira mina de sangue.
Meu coração confrange, eu te amo Mãe sofrida e Santa.
Não vi nem um só filho sofrer tanto, mas o tanto que já vi,
a milhas do sofrimento de Cristo, me faz amar-te muito mais [...]
("Maria Santíssima")

"Amar como Deus ama", segundo Michel Quoist, é a essência do amor cristão. Darcy França Denófrio, em *Uma voz e o silêncio*, tolhida embora pelas limitações humanas, tenta praticar esse amor pleno e desinteressado, um amor despido de preconceitos, aberto a todos os irmãos em Cristo. Sem cismas ou divisão em seitas, sem cercas nem fronteiras, roga para que se unam em oração e caridade em torno dos valores do cristianismo, o cristianismo das origens, relatado pelos evangelistas. Tocada pela Graça, a poetisa convida seus leitores a amar como Deus ama. Quem sabe assim poderemos todos ter esperança e fé em dias melhores.